

Irã: uma nova onda de protestos e greves em massa

Via [New Politics](#)

O Irã está passando por outra onda de protestos e greves em massa, pois os problemas econômicos, sociais, políticos, ambientais e de saúde tornam impossível para a grande maioria da população ter o mínimo necessário para viver.

Greves petroquímicas, protestos contra a escassez de água

Uma nova onda de protestos em massa sobre a grave escassez de água na província de Khuzestan, principalmente de etnia árabe, começou em 15 de julho. Os slogans dos manifestantes foram incluídos: “Abaixo a ditadura”, “Abaixo os Khamenei”, “Nós não queremos uma República Islâmica”, “O povo quer que o regime caia”. As forças de segurança do governo atiraram e mataram pelo menos 8 manifestantes e feriram e prenderam muitos outros. No entanto, protestos de solidariedade começaram no Azarbaijão, Curdistão, Isfahan, Sistan, Baluchistan e Teerã. Os cineastas, professores e grupos de escritores iranianos co-assinaram uma declaração conjunta em apoio aos protestos.

Nas palavras de uma declaração de solidariedade do Sindicato de Trabalhadores de Ônibus de Teerã: “A falta de água em Khuzestan hoje está enraizada nas políticas não profissionais, vorazes e centradas no lucro das décadas anteriores do capitalismo na extração de petróleo e uso de água para a indústria siderúrgica, cuja renda não vai para o povo. Estas políticas insaciáveis privaram o povo de Khuzestan de água potável. A água é cortada por longas horas e falta para as necessidades básicas. Agricultores e criadores de gado também foram danificados e perderam seu sustento”.

Os últimos protestos se seguiram a uma série de greves nacionais de trabalhadores temporários contratados na

indústria de petróleo e gás do Irã, que também está fortemente sediada em Khuzestan. As greves que começaram em 19 de junho e se estenderam a uma centena de locais de produção, exigem um status de emprego permanente, um salário mensal de US\$ 500, condições de trabalho seguras e o direito de se organizar e estar livre da vigilância policial. Os trabalhadores da Haft Tapeh em greve em Khuzestan também estão pedindo a vacinação COVID e expressando solidariedade com os protestos contra a falta de água.

Crise econômica e pandemia da COVID

O Irã continua a sofrer uma crise econômica maciça provocada pelos custos de suas intervenções imperialistas regionais na Síria, Iraque, Líbano, Iêmen, seus programas nucleares e de mísseis e os efeitos das sanções econômicas dos EUA. O salário mínimo oficial é de aproximadamente US\$ 120 por mês em um país onde o custo das necessidades básicas para uma família de 4 pessoas é de US\$ 500 por mês. A eletricidade é desligada diariamente por várias horas. O acesso à internet está se tornando mais limitado ou impossível para muitos devido ao custo e à repressão do governo.

Nesta situação, a pandemia da COVID vem causando estragos na população. A variante Delta da COVID continua a se espalhar amplamente. Mais de 95% da população não está vacinada e não tem acesso a nenhuma vacina, muito menos segura. O número oficial de mortes é de aproximadamente 88.000, mas os números reais são muito mais altos. Uma grande parte da população de 83 milhões de pessoas foi infectada. Entretanto, não existem números precisos devido à repressão do governo.

A COVID está se espalhando rapidamente pelas prisões do Irã, que têm uma população oficial de 190.000 pessoas. As prisioneiras também estão sofrendo e morrendo devido à COVID. Elas incluem jornalistas, professores, feministas e ativistas trabalhistas, estudantes, ambientalistas, ativistas curdas e árabes de direitos civis, bem como mulheres Baha'i e sufistas.

Mulheres prisioneiras e refugiadas afegãs

Nasrin Sotoudeh, advogada feminista de direitos humanos presa e defensora da “Girls of Revolution Avenue” está sofrendo de uma variedade de problemas de saúde, além da COVID. Narges Mohammadi, ativista feminista contra a pena de morte que foi nomeada para o Prêmio Nobel da Paz, foi libertada no ano passado após uma longa sentença de prisão, apenas para receber outra sentença de prisão que também inclui 80 chicotadas por continuar a se opor à pena de morte e “colocar em perigo a segurança nacional”. Ela tem lutado contra esta sentença, e tem participado de protestos em solidariedade com o povo de Khuzestan, grevistas e as famílias dos presos políticos. Em uma entrevista recente, ela chamou as lutas das mulheres iranianas de “o calcanhar de Aquiles do regime iraniano”. Sepideh Gholyan, ativista trabalhista feminista, presa em Khuzestan, continua a escrever sobre a situação das prisioneiras de etnia árabe. Ela foi selvagamente espancada na prisão e agora está em greve de fome.

Os migrantes e refugiados afegãos que são aproximadamente 3 milhões no Irã continuam sendo expulsos (450.000 expulsos desde 2020). O regime iraniano tem mantido negociações entre o Talibã e o governo afegão sob a direção do ministro iraniano das Relações Exteriores, Javad Zarif, e está ajudando o Talibã a fortalecer seu poder, apesar de o Talibã estar matando membros da população xi'á Hazara no Afeganistão.

As ambições regionais contínuas do Irã e as “soluções” do imperialismo americano

Em meio a todas essas crises e protestos, o governo iraniano mantém suas intervenções imperialistas regionais na Síria, Iraque e Líbano. Ele promove suas conspirações para sequestrar e assassinar militantes da oposição no exílio. Continua a desenvolver seus programas nucleares e de mísseis e interrompeu suas negociações com o governo americano Biden ao retornar ao acordo nuclear da JCPOA.

A “eleição” de Ebrahim Raisi como próximo presidente do Irã teve a menor taxa de participação em massa, mesmo pelos padrões do Irã, que eram muito baixos para começar. Raisi era anteriormente o chefe do judiciário iraniano e imediatamente antes disso, o chefe da GHORB, o conglomerado de construção do Corpo de Guarda Revolucionário Islâmico (IRGC). Ele é infamemente conhecido como membro da “Comissão da Morte” que ordenou a execução de milhares de prisioneiros políticos em 1988. Sob sua guarda, aproximadamente 1500 pessoas foram mortas por forças governamentais durante a revolta de novembro de 2019. A Anistia Internacional o condenou por cometer crimes contra a humanidade.

Colunista do New York Times, Thomas Friedman revela a desumanidade imperialista em sua recente coluna sobre o Irã, onde ele oferece uma “solução” que é “a melhor que alguém pode esperar com o Irã”. Ele argumenta que os EUA, com a ajuda dos Estados do Golfo, deveriam dar mais ajuda financeira ao regime de Assad para expulsar o Irã da Síria, manter a Rússia e a Turquia como potências dominantes e assegurar a continuação do regime de Assad. Isto ele diz que reduziria o perigo do Irã e satisfaria os Estados Unidos e Israel. Para ele, o povo da região, os árabes e curdos sírios e a população iraniana, são meros peões do tabuleiro de xadrez imperialista dos EUA e do mundo.

Necessidade de uma solidariedade progressiva com as lutas dentro do Irã

Não menos cínicos são os esquerdistas e os chamados socialistas do mundo inteiro que apoiam o regime iraniano como “anti-imperialista” ou se recusam a criticá-los.

Aqueles que limitam sua solidariedade ao apelo para a remoção das sanções dos EUA, recusam-se a reconhecer a complexidade dos problemas no Irã. Eles não abordam o fato de que estes problemas estão enraizados tanto no imperialismo externo dos EUA quanto na Rússia. A China e o militarismo capitalista interno e o fundamentalismo religioso.

Qualquer esforço de solidariedade com as lutas dentro do Irã começa não apenas com o apelo para a remoção das sanções dos EUA e o fim dos ataques de Israel, mas também com a responsabilização simultânea do regime iraniano por sua repressão e exploração do povo e do meio ambiente da região. Esse reconhecimento exige a libertação imediata dos presos políticos, expressando solidariedade aos trabalhadores em greve, às lutas feministas e ambientais, às minorias étnicas, sexuais e religiosas oprimidas, e exigindo a retirada do Irã da Síria, Iraque e o fim de suas intervenções no Afeganistão, Líbano e Iêmen.